

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE MARÇO DE 1911

N.º 292

O caso da pastoral colectiva do episcopado portuguez



O antigo bispo do Porto, sr. D. Antonio Barroso, entrando para casa do sr. ministro da justiça, acompanhado do seu secretario e do sr. dr. Germano Martins

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

A propósito da morte de Fialho de Almeida. Um encontro com um velho amigo. O que elle me disse e os srs. não sabem. — A conspiração, (?) no Brasil, contra a Republica Portuguesa. — Prisão de um conspirador (?) — O caso do bispo do Porto. — O ministro de Nicaragua. — Partida de José d'Azevedo para o Brasil. — Morte de Fuschini e Tabora. — Aclaração.

Ha dias, subia eu a ladeira do Chiado, sabe Deus com que custo, quando ouvi que me chamavam. Voltei-me e tophei com o meu velho amigo Gualdino Gomes. E' sempre, para mim, um grande prazer, encontrar Gualdino Gomes. Somos amigos desde a era remota de 1884, como quem diz: ha vinte e sete annos. E, desde então, nunca succedeu encontrar-me com esta singular figura que não ouvisse da sua bocca, franziada pelo perenne sarcasmo, alguma coisa de novo, muito no trinco e muito d'elle. Meu Deus, quantas vezes eu tenho pensado que este homem é o Imprevisto de feltro molle derubado sobre a testa! Elle tem, sempre, prompta, uma observação, judiciosa ou brilhante, sobre todos os casos. A's vezes, a bem dizer, essa observação nem é alguma coisa de ponderado: uma simples frioleira. Mas elle por tal forma a valorisa com o colorido da sua palavra, com a acidez do seu espirito, com o estranho esmalte d'aquelles olhos que só se encontrarão rivaes nas profundas do inferno, que a gente tem a impressão de que ouviu, sobre o assumpto, a ultima palavra. Convence. Tem o dom da persuasão. Este homem lançado na propaganda de uma causa — e imagine a peor das causas! — fal-a-ia triumphar. E' um dominador, a ponto de se dominar elle proprio, mantendo, a dentro d'um corpo velho e alquebrado pela fadiga da vida e pela doença, o espirito vivo, irrequieto, ás vezes traquinas e garoto, da sua mocidade — ai d'elle! ai de mim! longinqua já...

Apertámo-nos as mãos e ao mesmo tempo pronunciamos a mesma phrase:

— O nosso pobre Fialho...

E estes dois velhos, para quem a vida já não tem surpresas (ambos nós temos a impressão de que a percorremos já e agora andamos a passear, voltando atraz, fazendo horas para partirmos de vez) olharam-se com melancholia por um momento, desviando logo os olhos, envergonhados um do outro, porque qualquer de nós tem pejo de ser surpreendido, pelo outro, a tomar isto a serio. E logo Gualdino, erguendo a cabeça e lançando ao ar o braço n'um largo gesto, rompeu com estas palavras sinceras:

— Que pena tenho d'elle!... D'elle?... Elle acabou, afinal... eu... veja lá você, todo este meu sentimento é egoista... eu não me conformo com a idéa de não o tornar a ver, de não tornar a ouvi-lo!

Fez uma pequena pausa. Pela amargura que me ia na alma eu senti a necessidade que elle tinha de a fazer, para se não trahir. Mas, prompto, continuou:

— Elle, que gostava tanto de viver! Quem, como nós, o conheceu, quem avaliou a bondade, a grande bondade d'elle...

O mais que dissemos, e pouco foi, não é para aqui. Por fim apertámo-nos as mãos, não como duas creaturas que se separam por nada mais terem a dizer, mas como duas pessoas que entendem não ser necessario dizerem uma á outra o que pensam, por ambas pensarem irmamente.

Gualdino seguiu. Eu fiquei por um instante a olhal-o calculriando a ladeira com o seu passo incerto e no entanto firme, como um vencedor que palmilha o terreno conquistado.

— Qual de nós estará á vez?...

... A sua bondade, a grande bondade d'elle... Aqui tem os srs. o que elle disse, de imprevisito, não para mim que sciencia e consciencia tinha do caso, mas para os senhores, que não conheceram e podiam correr o risco de julgar Fialho d'Almeida pelos artigos necrologicos dos jornaes.

Que complexa, singular, extranha personalidade a d'esse grande homem que acaba de desaparecer entre a indifferença criminosa de muitos e os murmúrios soezes e lorpas de alguns! Que enorme figura, ó anões! E que grande alma, ó almas mesquinhas!

Grande cerebro, grande coração! Como elle amou, com que enternecimento elle amou esta nossa terra, a terra portugueza que teve a honra de o ter por filho! As palavras mais doces que da sua bocca de oiro sahiam eram um hymno glorioso d'esta patria, cuja paisagem, cujos costumes, cuja vida, elle pintou magistral, estupendamente, com o mais precioso talento de homem de letras que Portugal produziu nos ultimos cincoenta annos.

Para quê, meu Deus, para quê? Para lhe pagarem com a mais negra, com a mais vil das ingratições! Para o cuspirem de injurias, em vida, para profanarem a sua memoria, com necedades, agora, quando o vêem prostrado — para sempre cerrada a bocca que não lhes responderia, inerte a mão que nem os afastaria.

O que os meus olhos pasmos leram quando foi da morte d'este grande e desgraçado homem! Quanta baixeza, quanta tolice! «Elle estava morto ha muito» — «Sentindo-se impotente para produzir...» — «A deploravel decadencia que o levou a renegar ideaes...»

Ah meu pobre, meu desgraçado e grande amigo! Como o Gualdino, o nosso velho Gualdino, tem razão! Nós só devemos deplorar o teu desaparecimento pelo sentimento egoista de nunca mais te termos bem junto de nós, dos que te amaram como tu merecias. Porque, afinal, és bem mais feliz que a gente, apodrecendo sob os sete palmos de terra do humilde cemiterio da tua Cuba ao passo que nós ficamos para ver e ouvir...

... Que pouco tempo te concederemos para te gabares da tua situação feliz. Eu e o Gualdino estamos preparando a trouxa... Ah, Fialho, que bom seria se nós, os dois, partissemos na mesma occasião! Tenho a certeza de que te iam encontrar encostado aos humbraes da Eternidade, cantarolando, estendendo-nos dois dedos da tua mão pelluda, com um sorriso na bocca, outro nos olhos e um amigo «olá!» E o Gualdino: — Saberá vossa senhoria que tambem nós já estamos livres da patria de Camões!

E tu, com uma nevoa de tristeza no olhar:

— Deixem lá... Aquillo era tão lindo!...

Até breve, meu velho!



Fialho d'Almeida

(† em Cuba a 4 de março de 1911)

A vida politica nacional não é intensa, á falta do elemento oppoisionista, mas nem por isso deixa de ser interessante. Raro é o dia em que um caso de sensação em noticia de factura não menos sensacional nos não vem surpreender na cama, áquella hora doce do espreguicamento matutino, quando se accende o primeiro cigarro e se deitam os olhos ajuda inchados de somno para a folha humida da gazeta da nossa predilecção.

Um dos ultimos casos foi a celebre conspiração do Brasil. Segundo laconicas noticias telegraphicas, n'este momento ainda carecidas de ampla explicação e confirmação, no Brasil teria sido organizado um *complot* contra a Republica Portuguesa cujo primeiro acto seria dividido em oito lugubres quadros: o assassinio em massa dos ministros do governo provisório e do seu illustre e venerando chefe, o sr. dr. Theophilo Braga.

A noticia, como disse, carece de confirmação e explicação. Contudo, não será descabida aqui uma consideração pessoal, uma vez que os jornaes deram foros de grande acontecimento ao caso. Eu não creio em tal *complot* e ainda menos nos intuitos sanguinarios que se lhe attribuem. Depois, um facto recente veio em reforço da minha opinião: a prisão de um supposto dr. Veiga, a bordo de um paquete procedente do sul do Brasil, como indigitado caixeiro-viajante do dito *complot*.

Ora está averiguado que o Veiga não é tal dr. nem jornalista, sendo certo que apenas é um refinado *escroc* comprometido em casos escuros. Isto basta a demonstrar que, ainda quando a honrada e digna colonia portugueza no Brasil pensasse n'uma tentativa de restauração monarchica, não seria este famoso Veiga o seu emissario.

E o tempo se encarregará de demonstrar se temos ou não razão.

O caso de D. Antonio Barroso, bispo do Porto...

Nem eu sei como o conte, visto como me é prohibido, por uma circular do sr. ministro da justiça, referir-me a um documento que deu origem ao conflicto entre o governo provisório da republica e o venerando antistite.

Succedeu que os bispos portuguezes entenderam enviar, collectivamente, aos parochos das suas jurisdicções, uma pastoral cuja doutrina o governo julgou subversiva. Negou o governo o seu beneplacito ao documento em questão, convidando os bispos a darem-o por nullo e os parochos a não o lerem após a missa conventual. De

todos os bispos obteve o governo submissão, com excepção de D. Antonio Barroso, que se manteve, honrando a sua assignatura firmada no documento de que se tratava e cumprindo fielmente o compromisso que tomara de lhe dar a devida publicidade pela leitura feita pelos parochos da sua diocese.

O governo chamou a Lisboa o bispo rebelde e após demorado interrogatorio feito pelo ministro da justiça, em que o prelado — segundo disseram alguns jornaes, — manteve com firmeza a sua attitude, foi destituído, sendo obrigado a ir residir para o Collegio das Missões Ultramarinas, em Sernache do Bom Jardim, gosando a pensão annual de um conto e duzentos mil réis que a Republica lhe concede attendendo aos relevantes serviços que o padre Barroso prestou á patria como missionario.

Se o governo procedeu com firmeza não é menos certo que o bispo se portou como um homem de caracter. A sua attitude impõe-se á consideração e ao respeito de todos, inclusivè, á dos liberaes que em Lisboa assaltaram o automovel que conduzia o venerando prelado com gritos de *morra!* — Façamos justiça a todos...

Caberia bem aqui, n'este momento, o elogio do padre Antonio Barroso a quem Portugal deve os mais assignalados serviços? Sem duvida. Agora e sempre. Mas eu julgo ocioso esse elogio, porque não faço a quem me lê a injuria de supôr que desconhece esses serviços e a nobre figura moral do padre Barroso.

Depois, bem mais significativas que a minha descolorida prosa serão as lagrimas dos pobres por quem o ex-bispo do Porto distribuia real a real os pingues rendimentos da mitra.

E, n'este momento, eu creio piamente que a unica amargura do padre Barroso é a lembrança d'esses infelizes...

Um ministro que entra e um ex-ministro que sae...

Com differença apenas de horas deram-se dois acontecimentos que a chronica tem de registar: a apresentação de credenciaes ao governo da Republica pelo representante de Nicaragua, realisada com o costumeado cerimonial no palacio de Belem, e a partida para o Brasil do dr. José de Azevedo Castello Branco, o ultimo ministro dos negocios estrangeiros da Monarchia, convidado ha pouco a sabir do paiz pelo governo provisorio.

Ignoramos, e cremos que o interessado tambem ignora, os motivos por que foi violentado a deixar o seu paiz. José de Azevedo vivia agora n'um recanto da provincia, em Villar de Maçada, perto de Sabrosa, tratando da sua vinha e de reorganisar a sua vida. Diz-se que se propunha deputado por um circulo do Norte nas proximas eleições e que a isso limitava a sua acção politica. Mas supponho que não pensava em eleições nem em coisa que com isso se parecesse, porque estava resolvido a partir, como effectivamente partiu, para a America do Sul.

Como quer que seja, lá se foi, deixando saudades a todos que o conhecem.

Poucos homens, como José de Azevedo Castello Branco, terão sido cruel e acintosamente combatidos e muito poucos terão sabido resistir energica, corajosa e dignamente aos desapiedados ataques como elle. É um forte. Conheço-o bem e de longa data o aprecio. Foi meu professor, foi meu medico. Bondoso, affavel, d'uma bonhomia que contrasta singularmente com o seu aspecto severo, carrancudo. É homem de muito valor. Talento raro, peregrino. Escripôr de raça. Lá vae, quasi aos 60 annos, em demanda d'um paiz estranho...

Boa viagem!

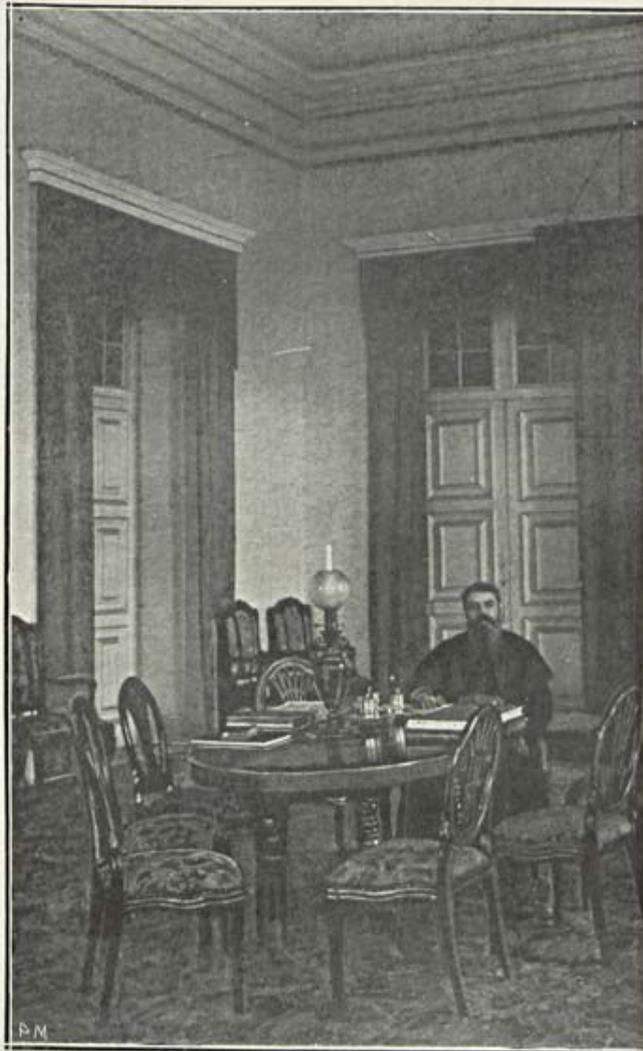
Na "necrologia" da quinzena figuram Augusto Fuschini, antigo deputado e ministro da fazenda, engenheiro, escripôr de merito, espirito muito culto, especialmente versado em assumpos de arte, e o maestro Taborda.

Fuschini era um homem singular, d'uma grande independencia e fundamentalmente honrado. Deixa um livro valioso, publicado em 1904, quando já trabalhava devotadissimamente na sua valiosa obra da reconstrução da Sé de Lisboa: *A esculptura religiosa na Renascença*.

Foi elle quem fez o convenio com os credores externos, assignando assim notavelmente a sua passagem pelo ministerio da Fazenda, e muito mais haveria a esperar do seu grande merito e especiaes aptidões para as questões linanceiras, se o seu genio arisco o não levasse para um isolamento em que se comprazia evitando convívios, mórmente o de politicos.

Taborda foi um devotado cultor da musica, e durante muitos annos dirigiu proficientissimamente a banda da antiga Guarda Municipal, hoje Republicana. Gosava de prestigio mercedissimo na sua classe e deixa composições inspiradas e em que revelou sobejamente o seu valor.

No paço episcopal do Porto



O reverendo bispo D. Antonio Barroso na sala nobre do paço (Phot. de Pinho Henriques).

Uma aclaração.

Na chronica em que me referi á sahida do Inspector do Conservatorio de Lisboa, sr. Eduardo Schwalbach, e á representação de um monologo de Gil Vicente, por alumnos do mesmo Conservatorio, promovida pelo sr. Julio Dantas, professor e actual inspector interino, alguem quiz vêr um remoço a este ultimo cavalheiro.

É' possivel que se possa inferir semelhante disparate do que escrevi. Seja. Mas o que de forma alguma quero é que se pense tal coisa. Eu nunca poderia ser desagradavel ao sr. Dantas, a quem me liga uma velha amizade pessoal, mórmente em taes circumstancias: pondo-o ás bulhas com um nosso amigo commum.

Ficamos entendidos?

CAMARA LIMA.

A Sé cathedral do Porto

É sempre interessante a contemplação archeologica e artistica de um monumento religioso, que revela a magestade dos seculos e a poesia das tradições. A sé cathedral do Porto começa por ser mysteriosa na sua fundação, pois se dermos credito ao parecer de que na época em que os suevos estabeleceram o *Castrum Novum*, no alto da Penaventosa, assim começou o burgo do Porto, na margem direita do rio Douro, e se aceitarmos a opinião de que o elemento religioso principiou a consolidar-se no tempo do primeiro bispo, Constancio, devemos concluir que é desde esse periodo historico, tão confuso, que se edificou a sé do bispado.

Depois vieram as luctas tormentosas com os arabes e a destruição como effeito das invasões; mais tarde, porém, foi o nucleo da população renovado e defendido pelos gascões e com esse restabelecimento deveriam vir tambem o culto e altares, portanto a cathedral; por ultimo, quando o conde D. Henrique se estabeleceu entre nós e casou com D. Theresa, filha de Alfonso VI, foi a liberalidade piedosa d'esta princeza que reconstruiu ou quasi levantou por completo a edificação da sé do Porto. D'ahi por deante, a iniciativa dos bispos e a acção do cabido nos espaços de *sede-vacante* é que veio ampliando o edificio, e, ao sabor das épocas que succediam, desenvolvendo as remodelações.

O prelado D. João III dotou a sé com o claustro gothico em 1385, sendo auxiliado pelo municipio do Porto e mais tarde pelo cabido que veio completar essa construção de 304 columnas com a collocação de apparatusos azulejos.

D. Gonçalo de Moraes levou o seu arrojio em 1609 até á construção de uma nova capella-mór, estilo renascença, com amplo retabulo de entalho dourada, magnificas grades de bronze, opulentas cadeiras coraes, tribunas, órgãos, e mais longe iria na reconstruc-

A Sé cathedral do Porto



A fachada principal

ção de todas as naves do templo, se algumas dificuldades não tivessem surgido impertinentes a sustar a sua rasgada generosidade.

Morto este prelado, o cabido continuou com algumas obras exteriores e concluiu em 1717 a galeria externa do lado do poente. E' tambem do seculo xviii a soberba sacristia com optimos arcazes, respresiosos, espelhos, altar e relogio, sobre o qual se vê uma notavel pintura da Virgem-Mãe, que se attribue a um pintor italiano celebre, assim como é antiga tradição que o plano geral da igreja é de um architecto, Valentim, discipulo de Miguel Angelo.

A frontaria do templo com a vistosa rosacea, duas torres guarnecidas com balaustrada e terminadas em cupulas de granito, as guarnições internas onde predominam os degraus, pavimento e almofadas de marmore de varias côres, os dezoito altares distribuidos pelos vãos das tres naves, dão á cathedral uma feição interessante de opulencia, principalmente quando se visita a capella do Sacra-



A Sé cathedral do Porto — Entrada latera

mento com o seu notavel altar de prata, obra de um lavrante portuense, feita em 1792.

O celebre pintor portuense, Joaquim Raphael, pintou em tempo, para a decoração da sé do Porto, um quadro historico de grande

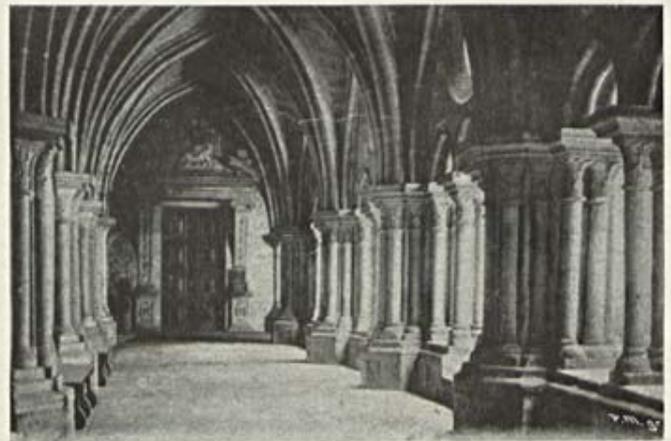


A Sé cathedral do Porto — O pateo

valor que tinha por assumpto a sublevação patriótica dos habitantes da cidade, em 7 de junho de 1808, contra o jugo da primeira invasão franceza: unica revelação patriótica em que n'aquelle sanctuario se alliavam, em manifestação artistica, as gloriosas tradições nacionaes ao espirito religioso.

O conjunto da construcção architectonica do templo e as suas variadas decorações mostram as épocas em que foram realisadas e por vezes o mau gosto e o desgraçado effeito de mal estudadas remodelações, o que é vulgar nas cathedraes portuguezas em parte arruinadas pelo tempo e tambem pelos homens!

F. J. PATRÍCIO.



A Sé cathedral do Porto — Os claustros

PERGUNTAS

— Qual a razão, me perguntaste um dia,
Porque a mim, d'entre todas, me preferes,
Porque eu só, d'entre todas as mulheres,
Te infundo alento e força e alegria?

E eu perguntei-te então porque seria
Que, tendo tanta estrella o firmamento,
— De tantas — uma só infunde alento,
E é o sol que nos aquece e allumia.

Alfredo da Cunha.

Filhos do Senhor D. Miguel de Bragança

**D. Maria Antonia**

Nasceu a 13 de março de 1903

D. Filippa

Nasceu a 27 de julho de 1905

São duas juvenis princezas filhas de D. Miguel de Bragança e da Senhora D. Maria Thereza de Lowenstein. São portanto netas de D. Miguel I.

D. Maria Antonia Michaela Raphaela Gabriella Adelaide Francisca Xavier Josepha Expedita Gregoria de Bragança e Bourbon, cujo anniversario natalicio passou a 13 do corrente, completou n'esse dia oito annos de idade.

Com esta princeza dá-se o facto significativo de ser afilhada do já fallecido conde da Redinha. Seus paes, abandonando praxes estabelecidas entre principes, quizeram assim honrar o velho fidalgo portuguez, então chefe do partido legitimista.

Saibam quantos...

(FEIRA DA LADRA)

Lisboa, 24 de dezembro de 1910.

Tornejando do Hospital de Todos os Santos para a Bitesga, topava-se a praça da Palha, hoje lembrada pela archi-celebre travessa, junto á rua das Arcas, esta sitando approximadamente no leito da pombalina Rua Augusta.

Em todo o seculo xv e xvi, como hoje, a animação do Rocio era continua: mercadores, ruões, janotas, mulheres de boa vida e má vida, tudo allí ia, á faina dos interesses; e era tambem o ponto de reunião elegante, das hospedarias e das lojas, o sitio de estrangeiros, o foco das novidades e da proverbial má lingua portugueza. A's terças-feiras era o grande mercado da cidade, a *feira da ladra*, que ainda hoje, no mesmo dia da semana, assim se chama a mais safada e antiga feira de Lisboa, sua abandalhada e directa representante.

A feira da ladra começou debaixo dos arcos de S. Domingos e Hospital de Todos os Santos, vivendo ahí e nas escadarias do portico, enquanto lh'o consentiu o resumido das compras e das vendas, té um dia os progressos da especulação a extravasarem do seu recato modesto, espalhando-a Rocio fóra, ao acaso dos grupos, desde as boccas da Bitesga e rua das Arcas, ás immediações fidalgas dos Estãos e aos descampados do Valverde. Foi primeiro um mercado de artigos de vestidura e comezaina.

Vinham as «mulheres dos montes», com pão de ló, requeijões e queijos frescos (1); as da Ribeira e Pelourinho Velho, com suas bancas cobertas de mantens, onde vendiam pinhoadas, gergelim, nogada, marmelada, fortes e refrescos; muitos conventos mandavam vender doces, e pelas festas folares e bolos reaes, mui bem armados; nas escadas do Hospital os passarinhos vendiam passaros; os cegos, autos, versos, e as lavadeiras do termo ramos de flores e mólhos de hervas medicinaes, onde se iam prover os matasanos... (2)

Quando em tempos de D. Manuel as conquistas começaram a despejar na cidade os primores da cultura colonial, a feira da ladra rivalisou em exhibições tropicaes com o mais profuso e melhor do Pateo das Capellas (3); especiaria, fructas, cofres, plumas, armas, pannos, loiça, joias, tudo ahí vinha tentar os bons feirantes, sendo costume sortirem-se as familias pelas festas da Paschoa e do Natal, e virem os noivos comprar na feira de S. João bragal de casamento, o que passava por dar fortuna ao lar domestico.

Debaixo dos arcos, principalmente do Hospital e do mosteiro (que em todo o resto da praça a feira airava, galharda, ás terças-feiras),

A caminho do exilio

(Phot. de J. Benoliel).

Partida do sr. José de Azevedo Castello Branco para o Brasil*O sr. José de Azevedo Castello Branco e sua familia*



A caminho do exílio — O sr. José de Azevedo Castello Branco embarcando para o Brasil

debaixo dos arcos era o ponto enfiado ás louçainhas da moda e gravidades de mulheres, d'onde as exhibições de pannos de Malines e Ruão, Olanda, e freontin e vintedeseno, e de guardalate e Dóras, e raxas de Florença, chamalotes finos e grosseiros, setins rajados, telilhas, tafetás, velludos de Flandres, brocados de França e de Veneza, que para tudo o luxo da Lisboa manuelina, uma das grandes capitaes europeas do seculo xvi, achava gosto e dava luzimento.

Aqui verieis, nas tendas dos mercadores, segundo o pino das modas de Flandres e de Italia, dominantes na côrte portugueza, todos quantos objectos de trajo e adorno desejasseis: por exemplo,

averdugados para dona, fazendo com barbas de baleia uma especie de balão, em ar de sino, sobre que cahia com donaire a saia grande, e se enfunava a vasquinha, que era outra saia mais curta, e toda em prégas, broslada de seda, fitas, pestanas e entreforros d'outro tom; como ferragoilos, por exemplo, ou capirós curtos de mangas, guarnecidos de galões em oiro e prata, cheios d'alamares e morenilhos, e que se faziam de tudo, desde o brocado verde, lhamado d'oiro, das rainhas, té ao arbi das vareiras e ao zorame de burel das indigentes...

E por ahi fóra, roupetas, bernéos, calções, capas de raxa, chamarras de damasco e de velludo, touquilhas de véo, cintas a oiro com morenilhos d'oiro e placas cinzeladas, jubões de mil fazendas — da escrimlha de dó ás reñumantes telas d'oiro e prata — bohemios de setim, fantufos de velludo, vagalunados de pedras e lantejoulas, couras de golpes, garavis trançados, redes de cabelo em oiro e prata e sedas, com rebuço mais denso para o rosto, gorgeiras, cabeções, lenços e gorras, sombreiros, fôtas de panno e seda, pelles doiradas e cinzeladas, mangas mouriscas, sobremezas de bufetes, arquetas marchetadas, solias ustedes (pelles), lambeis, xaireis, guadamecis, alcatifas da India, pannos d'armar, toucas e toalhas de toucas, arrebique, cosméticos, tailins, linhos e estopas de fuso e téa, mantas, pinturas, e outros muitos disfarces de recamara e de lavor.

Que esta feira da ladra era, por ultimo, nos meados do seculo xvi e começos do xvii, uma revista das necessidades sumptuarias e caseiras d'uma capital de luxo e de bem estar.

Industrias nacionaes ahi concorriam, com outras de Castella, Italia e Flandres, a provér do que havia mister a já complicada vida da cidade, cujo commercio, pela *Estatistica manuscripta de 1552*, d'autor anonymo, chegou a tocar a inverosimil cifra de seis contos d'oiro e quinhentos e trinta e um mil e novecentos cruzados, mais talvez de 200.000 contos de réis da nossa moeda!

Eram coiros da Guiné e Cabo Verde, chapins de Valença, linhos corádos de Guimarães e d'Amarante, Cascaes e Obidos, a olaria etrusca e porosa de Extremoz e Montemór, os trancelins e nastro de Lamego, e fitas de tingir — e de Meção Frio, Bragança, Chaves, Mirandella, o borbilho que gastam os serigueiros, e a seda branca e solta para retroz. No termo de Leiria, Obidos e Torres, faziam bu-



A caminho do exílio — O sr. José de Azevedo Castello Branco, ultimo ministro dos negocios estrangeiros da monarchia, a bordo do Friederik August (Phot. de J. Benoit).

chotes, arcas, que vinham a Lisboa encoirar aos bahuleiros, como ainda hoje.

O Porto mandava toneis, Castanheira e Thomar madeiras de castanhu, o Campo Branco (planície de Beja á fronteira do Algarve) alforjes e linhagens, e da Beira Baixa e Alemtejo estamenhos, bureis, baetões e saragoças, das ovelhadas negras da lande, cuja lã tosca, desingordurada em pilões, e tecida em teares caseiros, pelas mulheres, como ainda hoje, vestia quasi a malta das brenhas, e ia ás rumadas nas naus, para a conquista.

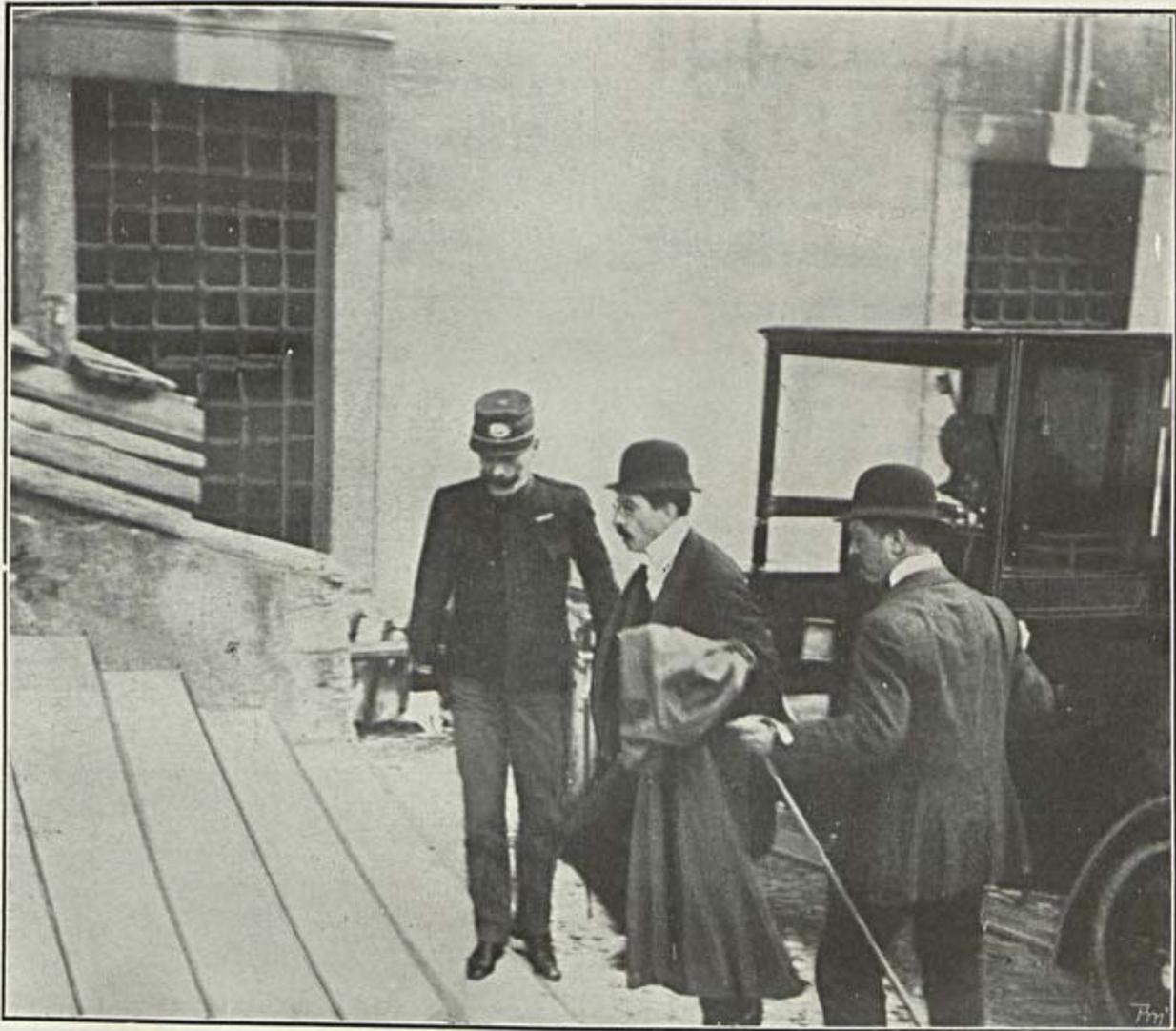
Na secção das comezainas, as fructas sêcas e verdes, os outeiros de sal sobre esteirões e laraus de grossaria, as rumas de foia e brôa, as fiadas de peixe sêco e lacções fumados, pendentes entre dois paus, succediam-se em duas grandes ruas escarvadas do fallario e acenos da gentalha; ou era em fresco, espetadas de porco, de roda

ou emfim alcatifas imitando persa, e que lembravam as nossas de Arrayollos.

Posto o scenario em quadro, afeiçõe cada qual os papéis dos feirantes á condição social, algaravia e usos da época, e não andará longe de figurar representação cerce da genuina seiscentista.

Ponham os mercadores fazendo tribu, como hoje, por ordem de mercaderia e importancia do capital em giro util; flamengos, genovezes, e meia duzia de nacionaes da rua Nova, compadres del-rei, e mesmo armadores de caravellos (como quem diz a alta finança), para a venda das sedas e objectos de luxo, importações e trafegos em grande — gente de cara rapada e traje escuro, com collares de oiro e supracilios leoninos, como por ahi se vê nos quadros gothicos; dêem a joelheria aos judeus, mesmas figuras de rapina e bilis d'agora, com caftans de velludo e repoupos de lobo em jaula estreita, figuras

Aventuras d'um supposto conspirador



Do Rio de Janeiro para a cadeia. — Arthur Pereira Veiga sahindo do automovel, no pateo do Limociro, acompanhado do tenente Uchôa da policia civica e d'um agente da policia preventiva (Phot. de J. Benoliel).

de lumaréus, leitões e ãnhos suando a delicia dos sóros, em pingadeiras de barro, sob tesminos d'alho e rapozun; ou ensopado de cabra, em panelões, e mesmo um certo guizado verde, muito da nossa plebe mediêva, indigesto e fetido, que, segundo Herculano, seria uma fressura com sangue de porco, picante, que vendiam os tasqueiros em todos os mal cosinhados da cidade.

* * *

O que vinha de Hespanha pouco valia em relativo, no grosso da importação estrangeira que faziamos: alguma loiça branca de Sevilha, ficada da tradição sarracena, c'os azulejos e certos tecidos ornamentaes; coiros lavrados, carapuças, mantéos, vestes do culto, bestas de carga, que entravam da Andaluzia pela fronteira aberta do Alemtejo; e das provincias do norte, açafão, pimentos, arroz, seda frouxa de côres, e toda a casta de fitas, lãs de chapéos, porteiros de xadrezes mouriscos, guadamecis, e os admiraveis aços de Toledo,

d'unhas, com barbichas de chibo, uma garra de coruja por penca, e olhinhos de jais, bolindo, sob as blandicias do cagaço, a peçonha do odio ao nazareno; e com falsetes de velhas, os ferros, olho na meza gradeada, olho nas gentes, com sua vieira de grãos d'aljofar nas mãos, eil-os debitam a cantilena das suas boas obras de lavrante:

— Bacias e agomis, magnificos senhores, almarazas de prata e aredomas, descalfadores, perfumadores, talabartes em prata e oiro, abertos sobre velludo, toda a sorte de chapas, alamares, collares, anneis e tavoletas de reliquias!...

Afóra o semita sordido, aferrado pela obstinação religiosa á idéa da patria dispersa, e de vampirizar os povos que o abrigam, a obsessão de todo o portuguez do seculo XVI é uma idéa de casta, onde no porfiado calculo do «acrescente da fazenda», entra uma batotinha colonial c'o soberano, por via d'algum afortunado piloto, sobre que se joga como n'um numero de palpite, e consistindo em armar para a India uma ou duas naus de grosso trato, a fim de com os lucros formar vinculo que lhes deixe os filhos «a se crear na casa del-rei», como fidalgos.

No meio da rua, por entre rumas d'obra d'oleiros, sapateiros, caldeiros, remendões de fato usado e ferros velhos, circula a pobra dizas das senhoras manas e comadres, assim patrões como escravas e cuvilhetas, que vem prover do necessario suas despensas e cozinhas, escambar por um caldeiro velho, alguns d'aquelles de mestre Fogaca ou mestre Guedelha, luzentes que nem ouro, guçadas polas ligeirices dos moços e obscenos requestos dos soldados. Ou são as pretas da agua, quasi nuas em andrajosos pannos de Malaca, quarta (c) na sogra, em cada quadril, outra, de fórma a marcharem hirtas que nem estatuas, a carapinha em crenchas, que a nuvria dos garotos apupa, estramalha, terrorisa, vindo por traz, sabendo-as prezas, beliscal-as nas nalgas, dar-lhes amarfanhos nas tetas, envolvel-as n'um libidinoso arremedo de dança dos *muchachins*, restos de baccanal delida nos usos, que lhes esborracha as cantaras, e a plebe em riza agua, por bôcca d'algun jogral da rua, ou beberrão.

Na feira ha tudo, até, como hoje diriamos, *bric-à-brac*, carriado pela miseria dos embarcações e soldados, de tantos saques de cida-



Augusto Fuschini

† a 8 de março de 1911

des e navios de toda a India. A's vezes uma como mordaca subita na chafra na voz e dos gritos: correntes rapidas partindo o compacto lago dos feirantes, levando deante verdadeiros enxurros de população... — a rainha ou o rei que vem á feira. Sobretudo a mulher de D. João III, D. Catharina, de que ha um tão nobre retrato no museu de pintura nacional das Janellas Verdes, muito gostava de surgir nos ajuntamentos populares, mercado da Ribeira Velha, feira da ladra, ou algum arraial d'orago, no arrabalde.

Mexeriqueira, «branca e alvaça», como no *Roteiro* de D. João de Castro se diz das alforrecas de Suez, recoltava ella por estes faceis engenhos, e velhacarias mansas d'espertona, o amor do povo, que já por aquelles tempos começava a pezar na mão de redea dos monarchas, acceitando ser madrinha dos filhos da gentalha, e fazendo luxo de se apaar da liteira para vir palrar co'as collarejas do mercado, acceitando sem cerimonia presentes de figos, ramos e casaes de pombos que por graça lhe offereciam na rua, as vendilhonas, tratando-a por comadre, e levantando-lhe as crias, descalças e ranhosas, á altura do beijo coroado.

A chusma dos pedintes abre lamurias altas pela praça, inumeravel, e fazendo como hoje, da esmola, já um modo de vida regular.

Caixas de confrarias, eremitões de capellitas e thebaidas, recatadas pedindo com que casar as filhas orfãs, meninos orfãos pedindo para os seus collegios, estropiados das guerras, cobertos de farrapos e de golpes, tudo isto traz d'olho a escarcella dos feirantes, intervem no acto das pagas, explorando o feitio sentimental por via do receio religioso — sem falar em mil pobres que, diz a *Estatistica manuscripta*, em 1552 obtinham licença de pedir, n'uma cidade que teria quando muito cem mil almas, mas cujas riquezas eram, para o tempo, fabulosas.

FIALHO D'ALMEIDA.

(1) *Mulheres dos montes* são, na lingua do seculo XVI, as que vivem nos campos, em casaes isolados. *Monte*, nas herdades kilometricas do Alemtejo, é ainda hoje a casa onde vive o conteiro ou maioral, e mais creados.

(2) Médico, curandeiro.

(3) Sito no interior do paço da Ribeira, palacio construido por D. Manuel e reformado pelos Filippos, occupando desde as proximidades do actual ministerio do reino até ao torreão do ministerio da guerra, no *Terreiro do Paço*.

Antonio Feliciano de Castilho

Offerecido a seus dois filhos o Visconde de Castilho e o contra-almirante Augusto de Castilho

Só aos poetas é dado falar de si sem nos enfatiarem; a esses mesmos muitas qualidades são precisas para lograrem o nosso interesse pelas suas máguas e alegrias.

Mas em prosa falar de mim, e em prosa tão desataviada como esta minha, é soberba temeridade, á qual não me abalançaria se com

Funeral de Augusto Fuschini



A porta da igreja de S. José — A collocação da urna na carreta da «Voz do Operario»

ella não dêsse um testemunho de intima e acrisolada admiração pelo principio dos poetas portuguezes.

Bem sei não precisar elle, o glorioso poeta do *Outomno*, nem de um grão de incenso queimado, embora devotamente, por tão mesquinhas mãos, mas se em cultivado jardim as rubras e altivas rosas dão irrecusavel testemunho do poder creador do rutilante sol, o humilde



Funeral de Augusto Fuschini

No cemiterio dos Prazeres — Os srs. ministros dos negocios estrangeiros e da justiça pegando ás borlas do caizão

(Phot. de J. Benollel).

— «Porque se diz tanto mal das mulheres?...» — perguntou um que lhes era contrario.

— «Porque se não tiram pedras senão ás arvores carregadas de fructos» — respondeu-lhe outro que as defendia.

cardo, debruçado á beira da estrada, não deixa de falar tambem ao caminheiro, das maravilhas creadas pela luz e calor do rei do nosso systema planetario.

Depois, ha na minha alma uma divida que desejo pagar ao divino

annos encontrára n'aquellas amovaveis paginas como um echo do meu coração, depois, já conscientemente, admirei, e respeitosa me curvei, ante o assombroso trabalho do mais perfeito dos artistas portuguezes.

A *Rega do Pomar* é um quadro tão suggestivo, tem tal verdade, que me parece ninguém o lerá sem se deixar levar como apoz um como sonho acordado, parecendo-lhe, effectivamente, ouvir correr a agua, e escutar o ramalhar das laranjeiras do pomar, por uma bella tarde de verão:

Só a nora, enche-se o tanque,
abrem-se as grossas torneiras,
saltam descem, correm giram
mil trepidantes ribeiras.

Uma rede, um labirinto
de bulhoso cristal,
retalha toda a planície
d'este espesso laranjal

Bebem frescura as raizes;
exhalam mais cheiro as flores;
o viço alegre a folhagem
crestada pelos calores

de S. Mamedê da Cástanheira, nas abas da serra do Caramulo é um alto exemplo de santo socialismo, na mais sublime acepção da palavra. Eram dois a pratical-o: o poeta e o parochô, seu irmão, pastor d'aquella enorme freguezia tão importante, como hoje um bispado.

São paginas adoraveis essas que relatam a vida simples, mas tão fecunda em bens moraes, passada no poetico presbyterio do Priorado de S. Mamedê.

Aquella serra por onde se estendia a freguezia, pareceu ao poeta, quando ali chegou triste e *desconversavel* como elle proprio o diz; mas viu-a depois poetica e amavel, por durante os sete annos lá passados, a ter entendido na sua eloquente mudez.

D'essa serra do Caramulo onde o grande mestre passou sete annos, dos quaes guardou eterna saudade, disse o actual senhor visconde de Castilho no segundo volume das Memorias de seu Pae, trabalho em que o coração affectuosissimo e a vasta intelligencia do auctor, collaboravam, disputando requintes, para crearem um monumento em tudo digno d'aquelle a quem era levantado:

«As serras asperrimas do Caramulo, a sete leguas de Coimbra, tinham o quer que fosse de dantesco; linhas grandiosas; urzes a perder de vista; escasso arvoredo em penhascosos algares; e os casaes da freguezia dispersos e pendentes, aqui, além, entre milhaes e raras vinhas á beira de barrocaes orlados de tojo.

Funeral do maestro Taborda



(Phot. de J. Benollet).

No Largo de S. Domingos. — A organização do prestito

Se me deixo levar pelo encanto das bellezas espalhadas pelo livro, citarei todo.

Ha o quer que seja de quasi sobrenatural na perfeição com a qual Castilho, cego desde os sete annos, evoca ante a nossa vista assombrada quadros da vida rural, ou da natureza, tão vivos, tão reaes, como se o proprio Deus os creára.

«Para mim, dizia-me um dia em que conversavamos a respeito de artistas e cousas de arte o mestre que se chamou José de Sousa Monteiro, Castilho é o maior dos artistas portuguezes.»

Era tambem esse o meu parecer, mas folguei de ouvir a voz tão auctorizada, o que desde creança me dissera o coração.

Dos seus livros se pode dizer o que, elle, o doce poeta de quanto ha de santo e puro, dizia dos destinados a serem principal ornamento das cellas, nos conventos de freiras. «Livros, cuja leitura se interrompe a scismar e se continua mentalmente por uns mundos nunca vistos em que tudo são maravilhas.»

Não parece que para os seus proprios livros foi escripta tão justa apreciação?

Voltando á *Chave do Enigma*, diga-me quem tiver lido esse bello livro se ha cousa que melhor nos fale do mais nobre sentimento do coração: o amor? E' o seu codigo com todas as suas delicadezas, com todas as suas adoraveis minucias.

Não só de amor se trata, porém, n'esse livro. A vida no Priorado

«Aquella natureza tem muito da desordem primitiva do cahos. «Ha o inesperado, o abrupto, o cortado, o tristissimo.»

Por esta bella descripção que o leitor me agradecerá ter-lhe feito conhecer, se acaso lhe é estranho o livro de que acima falo, comprehenderá como ao poeta pareceriam *desconversaveis* aquellas brenhas, quando ainda a memoria lhe dava bem vividas as memorias da sua bulhosa Lisboa e da serena Coimbra tão propicia a poetas.

A serra era aquillo; a grandeza «dantesca», com «o abrupto, o cortado, o tristissimo», mas era por isso uma perenne fonte de poesia. A natureza, para quem a sabe entender, fala a todas as faculdades, penetra por todos os poros e idéas. A arte só fala ao espirito, a natureza fala tambem ao coração, á alma, eleva-nos até á divindade.

A serra que á primeira vista aterrou a alma do poeta, toda doçura paz e bondade e lhe dictou:

Velo? sonho? deliro? Em solitario monte
que se espanta de ver-me e cuja austera fronte
nada avistou jamais no amplissimo horizonte
do mundo a tumultuar de cidades a rir...
n'este ermo ignaro, frio, mudo...
aqui... (deliro ou sonho?) aqui meu lar, meu tudo,
o meu presente e o meu porvir!

fez-se-lhe paraíso onde só faltava a encantadora Eva dos seus pensamentos, a doce inspiradora dos seus deliciosos versos.

Foi durante os sete annos vividos no presbyterio que o sublime poeta escreveu a monumental traducção das *Metamorphoses* e dos *Amores*, de Ovidio, esse outro genio a quem elle tanto queria que d'elle e do seu traductor disse Camillo Castello Branco no prefacio do seu livro *Cavar em Ruinas*:

«Com o meu Castilho é que eu me queria em Roma, na Roma que elle vê e palpa com a mão de Ovidio na sua, com os olhos de Virgilio nos seus, com o talento e almas de ambos no amar e sentir, no entender e contar mysterios convisinhos do empyrio, volupias e azedumes do coração, alegrias e ensinamentos do campo — as bellezas d'este mundo, unicas em que Deus parece estar-se revendo «ainda!»

As *Excavações Poeticas*, esse escriptorio de preciosas joias, tambem ali foi composto, assim como *A Noite do Castello*, e se aos *Ciumes do Bardo* não lhe foi berço o presbyterio, é porque de lá viera o poeta de visita a Lisboa quando o escreveu.

Estas duas ultimas obras são a mais genuina expressão do *Romantismo*.

Não podia Castilho ter ficado indifferente ao largo passo dado pela litteratura em França e depois em Portugal, quando aquella primeiro e este depois começaram seguindo a corrente que sempre existia na Allemanha, onde Schiller e Goethe mais a impulsionaram, o primeiro com os seus inimitaveis romances revolucionarios, o segundo adoptando formas pantheistas para nos inculcar quanto são fundas as revoluções do sentimento.

Sobre a influencia d'esses dois trabalhos não pode haver duas opiniões.

«*A Noite do Castello* e *Os Ciumes do Bardo*, — diz Camillo Castello Branco — «impulsionaram grandemente o desapareço das tradições arcadicas.»

A esses dois poemas, seguiram-se em Portugal, mil solaus e toda essa poesia de velhos castellos, noivas infieis, e cavalleiros da cruz, regressando da Palestina, vivos ou mortos, para castigarem as damas traidoras á fé jurada. *A Noite do Castello* e *Os Ciumes do Bardo*, são, porém, duas joias de subido valor, o que se não pode dizer d'essa alluvião de trabalhos feitos em sua imitação.

Voltemos, porém, ao presbyterio que muito temos ainda por lá a admirar.

Junto a todas as alpestres bellezas de que o nosso poeta não tardou a penetrar-se gozando-as e saboreando-lhes todo o encanto, uma cousa houve, relatada nas *Memorias*, como tendo-lhe sido extremamente grata:

Na freguezia de S. Mamede da Castanheira, encontrou um ancião, especie de deus lar da residencia, onde vivia sem jámais de lá ter sahido, e talvez por isso, falando o mais classico portuguez, e tão classico que o incomparavel auctor das *Memorias* não duvida dizer:

«Memoremos essa figura digna de mais alto pincel; memoremol-a, «que lhe coube a honra de ser um dos mestres classicos do classico «escriptor, do portuguezissimo varão.»

Calcule-se com quanto prazer Castilho fez esse descobrimento, e como ouvindo os quinhentistas archaismos do senhor Francisco Gomes, pois assim se chamava o bom velhinho, se deliciava.

«Quem te diria, — diz na sua elegante e inimitavel prosa, o senhor visconde de Castilho — que elle ás vezes ao conversar contigo, pobre serrano, te estudava e se delectava atonito de ouvir na tua voz rude a viril pujança de Antonio Ferreira, ou as ousadias de Jorge Ferreira de Vasconcellos, ou as nudezas pittorescas de Si-

IGREJAS, MOSTEIROS E CAPELLAS



(Phot. de J. Benoitel).

A nova igreja dos Anjos

Realisou-se no dia 11 do corrente a cerimonia da abertura d'esta nova igreja, construida na avenida Almirante Reis em substituição do antigo templo existente ao fundo do Regueirão dos Anjos.

O antigo templo era da invocação de S. Miguel, o que deu lugar, por occasião das luctas liberaes, a que os parochianos da freguezia dos Anjos fossem accusados de miguelistas, tendo o facto como consequencia o ser retirada da capella-mór a imagem do santo que na nova igreja retomou o seu antigo logar.

O interior do novo templo é, salvo pequenas modificações, igual ao do antigo, tendo-se aproveitado assim quasi todo o precioso trabalho de talha que n'este existia.

Na retaguarda da capella-mór ha uma porta que dá ingresso a dois corredores subterraneos, que conduzem aos pulpitos e côro, para os quaes tambem ha accesso pela igreja.

Ao fundo do edificio foram construidas as officinas, as quaes communicam com uma vasta sala de entrada servida por duas portas lateraes. A esquerda, isto é, do lado da Epistola, ficam a sacristia parochial e o cartorio; á direita as sacristias das irmandades do Santissimo, Santo André e Almas e Senhora da Conceição; e ao centro d'estas dependencias uma pequena casa de abobada, que serve de casa forte.

O pavimento superior tem igualmente uma sala de espera, que corresponde á de baixo, tendo a irmandade do Santissimo do lado esquerdo uma espaçosa casa de despacho, com columnas douradas, e no tecto a imagem da Senhora dos Anjos, pintada a oleo, cercada por uma moldura dourada.

Do lado opposto encontram-se as casas de despacho das irmandades e ao centro do pavimento a escada de ferro que dá ingresso á torre.

«mão Machado e Gil Vicente, ou as vernaculidades provincianas de «Sá de Miranda, ou as novidades velhas do grande Filinto!»

Bem se vê que Deus trazia animado o grande mestre, como a filho muito dilecto.

Molière, o grande auctor francez, crédor de tanta admiração, buscou em Terencio e Plauto a inspiração das suas melhores scenas; d'essas, e das comedias d'elle fez Castilho umas incomparaveis comedias portuguezas, tão perfectas e nacionaes que julgal-as, ou chamar-lhes traducções, é erro manifesto.

De resto, em Castilho traducções, ou originaes, são modélos perfectos da arte de escrever. Impõem-se ao preito de quantos conhecem e lêem esta nossa lingua, tão donairoza e rica que as opulencias das alheias são falsos ouropeis, se ás da nossa as compararmos.

Castilho amava esta lingua, por direito tão isenta de invejas a nenhuma outra, e manejava-a com dextresa, graça e elegancia, só comparaveis á de outro seu eximio cultor: o grande Antonio Vieira.

Encontramos na sua phisiologia artistica os mais preclaros dotes, assim como na sua alma, toda doçura e caridade, se encontram as mais altas virtudes. O estylo fino, a graça despretençiosa, e tão natural como o correr de veia crystallina, a doce philosophia de um

Acontecimentos do Porto



O edificio onde está installada a redacção d'«A Palavras»

Na segunda cidade do paiz deram-se, a curto intervallo, acontecimentos serios e acontecimentos comicos.

Entram na ordem dos primeiros os assaltos á redacção da *Palavra* e aos edificios do Circulo Catholico e da Associação Catholica, e na dos segundos o carnaval, que ficou assignalado este anno pelo cortejo dos estudantes, que sahiram da Academia (*casa em obras* como elles lhe chamam) e percorreu as principaes ruas da cidade.

A photogravura reproduz larga e nitidamente no numero de hoje tanto uns acontecimentos como outros, e quem percorrer estas paginas ficará fazendo ideia de todos elles.

A entrada do rei Miguel no Porto e o enterro da *Farpa* constituiram espectaculos de tal fórma engraçados e hilariantes que não mais sahirão da retina que os tivesse uma vez fixado.

Quem escreve estas linhas estava no Porto quando os cortejos academico-carnavalescos se realisaram, e habituado de ha longos annos a presenciar a semsaboria dos carnavaes lisboetas, ficou surprehendido ao ver como ao espirito esfusante dos rapazes corresponde o applauso e a gargalhada dos mais serios, dos mais pautados na vida. Porque d'estes nem um que não desopilasse o figado ao ver desfilar pelas ruas do Porto esses representantes da mocidade, que tão fartamente, tão galhardamente, a faziam trasbordar de seiva nessas allusões cheias de espirito, nessas figuras *ad hoc*, parodiando outras figuras, nessa graça bem portugueza que o povo da cidade invicta satisfeito applaudia.

Correu toda a gente ás janellas e ás ruas do transitto, e benemeritos foram nessas horas considerados os rapazes da Academia, porque rir com vontade é coisa que parece ter existido noutro tempo, e o Porto rindo, applaudindo, gostando, fazia lembrar alguém que estivesse tirando uma desforra magnifica, e que chegasse emfim a sua vez de rir, de folgar, de applaudir com reconhecimento.

Da *Palavra* e das aggremações catholicas inutil é já falar. Por demais foram os acontecimentos que com ellas se relacionam conhecidos e divulgados, e



Acontecimentos do Porto

A sede da «Associação Catholica»



Acontecimentos do Porto. — O edificio do «Circulo Catholico»

(Phot. de C. P. Cardoso — Foz do Douro).

como as surpresas estão sendo o pão nosso de cada dia, tambem verificou quem escreve estas linhas que para o Porto as novidades não vivem mais que as rosas de Malherbe, e que esta ao fim de dois dias era tão velha que já ninguem falava nella.

O Porto, positivamente, não liga os seus destinos a qualquer

facção de seita, sobre os acontecimentos que vão correndo passa apenas um golpe de vista, e absorve-o de tal modo o trabalho, a labuta de todas as horas, que lhe não chega o tempo nem para mexeriquices politicas, nem para largas divagações, nem para tomar parte em represalias.

Fénelon, e a suave ternura pelos pequeninos, de um verdadeiro apostolo de Christo.

Raro será reunirem-se em uma mesma individualidade, tão peregrinas qualidades de coração, aliadas a uma tão perfeita organização de artista.

Quanto elle amava os pequeninos dil-o o seu methodo de leitura, feito para instruir as creanças divertindo-as e poupando-as aos tra-



Acontecimentos do Porto

Na prisão — O individuo que por occasião dos tumultos de ha tempo disparou sobre a multidão

ctos da primeira instrucção, ás vezes bem dolorosa para os innocentes.

As phrases de Castilho quando descreve o que elle e o irmão, o parochio modêlo, queriam pôr em pratica para educarem e fazerem entrar a luz do progresso nas humildes choupanas da serra do Caramulo são enternecedoras.

Durante os annos que alli passaram dedicaram-se do coração áquelles pobres serranos.

Ainda hoje n'aquella freguezia, que já não tem a grandeza, nem a importancia de outr'ora, se fala com respeito do parochio modêlo, e do grande poeta, seu irmão pelo sangue e pela bondade do coração.

O grande mestre da lingua portugueza, o mestre dos mestres, quiz dar aos pobres serranos o pão do espirito tão difficil n'aquelle tempo de obter.

Dedicou-se pois, a esses pobres serranos, e decerto, se as circumstancias politicas o têm permitido, teria conseguido, — como elle proprio o escreveu — «... que nenhum morador da serra, nem velho nem adulto, nem lavradora nem ovelheira, deixaria de aprender as primeiras letras; para o que lh'as iriamos levar ás suas proprias aldeias, em cursos nomadas e temporarios concertados com «estações, e em harmonia com as lidas agrarias. Instruida a primeira camada facil era (ou facil nos parecia a nós que seria) colher «d'entré ella mestres e mestras, que pela modica recompensa de alguns punhados de grãos, uns armeos de linho, ou um tudo-nada de «cobres, continuassem o ensino em suas terras.»

Bem sei que para as almas praticas, essas para quem o fim da existencia do homem é ganhar muito dinheiro, e sabel'o gastar em proveito proprio, sem quererem saber se na casa ao lado choram creanças com fome, ou se em miseravel catre expira o chefe de uma familia com a pavorosa visão da mulher e os filhos pedindo esmola, quando o braço, que elle já sente inerte, não puder mais amparal'os. Para essas almas, digo, todas as idéas humanitarias são loucas utopias, mas para aquellas, como a do grande mestre, feitas de amor, de bondade, de sentimentos altruistas, a miseria dos seus irmãos é dôr insupportavel.

O ribombo da artilharia, e o estrondear da fusilaria repercutindo-se pelas quebradas da serra, não deixaram levar a effeito os bons desejos e benéficas intenções dos dois apostolos do progresso e da luz.

Desvelaram ambos muita noite fugindo á perseguição; até que, por entre perigos e sobresaltos puderam acolher-se ao Porto.

Não creio tenha a politica tido para o poeta superiores encantos. As guerras da liberdade trouxeram-lhe e aos seus muitos e cruéis desgostos. Devotados á causa da liberdade por ella soffreram.

Adriano de Castilho, irmão do poeta, esteve preso nas masmor-

ras de S. Julião da Barra e os dois outros para escaparem á mesma sorte tiveram de se homisiar em França.

Até mesmo sua mãe e irmã, foram perseguidas; e esta ultima, senhora de grandes dotes intellectuaes, e animo varonil, teve de fugir disfarçada na companhia de seus dois irmãos: Antonio e Augusto, deixando o presbyterio de Castanheira do Vouga, onde a todo o momento a prisão os ameaçava.

O que n'esse tempo, de ominosa memoria, era a prisão, ouçamol'o escripto por Adriano de Castilho, o elegante apreciado pela mais aristocratica sociedade de Lisboa e que das festas, bailes e theatros passou para uma masmorra da Torre de S. Julião innocente, e só por liberal.

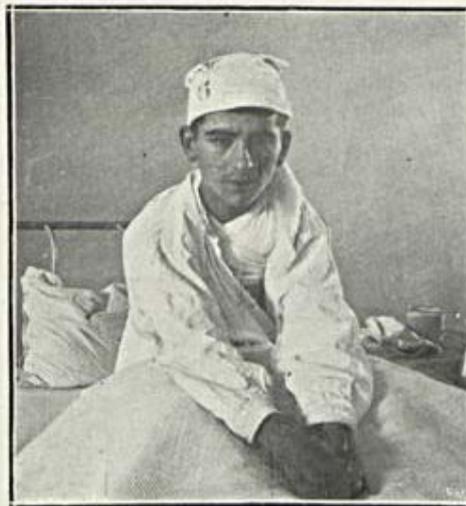
«Uma ordem de prisão n'aquelles tempos — conta elle no livro onde narrou as suas aventuras de preso de Estado — cifrava para «a imaginação tudo quanto havia de mais terrivel em dias de um despotismo anarchico. Era uma palavra immensa, negra, confusa, que «abrangia todo um drama de sangue para o coração e para o espirito; uma palavra sui generis que parecia materialisada; via-se, ou «via-se, palpava-se; continha luzir de punhaes, trevas e fétido de «calaboço, rostos sinistros a ir e vir, dobre de sinos, retintim de «campainha funebre; ranger de cordas patibulares, escarneo de vil- «lões e rugir de tigres!...

Não foram, nem podiam ser indifferentes a Castilho as luctas em que a patria agonisava. Queria vel-a livre, porque, como filho e portuguez lhe queria. Amava a liberdade, acariciava-a como a amante querida, e cantava-a em versos como elle só os sabia fazer.

Nas estrophes que vou copiar se vê a indignação que lhe rugia lá dentro ao ver garrotadas todas as liberdade civicas:

Os laços sociaes se espedaçaram;
O cidadão dos cidadãos se esconde;
O homem entre homens solitario geme.
Tornou-se crime a voz e o pensamento,
o amor da patria réo, dever o opprobrio.
Nos profundos templos retumbaram
os pregões de Baal; e em face ao Christo
seus ministros impunes, premiados,
mentem aos céos, á terra, á consciencia
vertem da lingua fel, blasphemias embustes;
como orvalho releste imploram sangue,
e esquecendo o Evangelho e a caridade
o odio, as vinganças, o alcorão voziam.
Peja a innocencia os carcereos; a honra
vai com ferros aos pés varrendo as ruas;
os tribunaes só velam para a morte;
nas praças aterradas não descansam
os cadafalsos, as vorazes pyras;
o algoz recebe dons, e escuta applausos;
e os argos do poder, sem fim, sem conto,
espiam, colhem, levam de continuo
ao genio assolador materia nova,
Tal jaz este gigante das cidades!
tal lhe roe nas entranhas renascentes
eterno abutre de implacavel fome!
Patria, patria! e nem ais sequer nos deixam.

A sua heroica alma teve a coragem de atirar ás faces do governo esse grito de indignação! Não se expoz a pouco, o grande mestre!



Acontecimentos do Porto

No hospital de Santo Antonio — Um dos individuos feridos
(Phot. de A. P. Cardoso — Foz do Douro).

As feras que então dominavam em Portugal mais ferozes do que as dos plainos africanos, nem respeitavam o genio, nem sabiam ser sensiveis aos sons divinos de tal lyra.

Soffreu decerto muito n'esses dias de luto e dôr. A sua alma toda bondade doeriam igualmente os golpes descarregados sobre amigos ou adversarios, lembrando-se unicamente que todos eram portuguezes.

Não o conheci pessoalmente, mas tenho como certo que o auctor da *Carta à Imperatriz do Brasil* e de tantos outros trabalhos reveladores de um coração cheio de bondade, teria, sem duvida para amigos e adversarios, o mesmo dó compassivo, a mesma caridosa commiseração.

Apesar do seu alto valor, ou talvez por causa d'elle, teve inimi-

O Carnaval no Porto



O Carnaval da Academia Polytechnica, d'onde sahio o cortejo do enterro da «Farpas»

gos, alguns o caluniaram, accusando-o de pouco leal, e de elogiar sem convicção os principiantes do difficil officio de escriptor.

Esses tão injustos accusadores não se tinham por certo penetrado da doutrina dos seus livros, não tinham através d'elles entrevisto a gentileza d'aquella alma de eleição, e não o conhecendo julgaram-n'o injustamente. Não viram — pobres cegos — que o Mestre na sua ideal bondade preferia gastar alguns adjectivos encomiasticos, embora pouco merecidos, a desanimar aquelles em quem reconhecia talento, vontade de aprender, força para a lucta, e vinham socorrer-se a elle de quem uma palavra elogiosa lhe era passaporte na alfandega das letras.

George Sand, diz nas *Lettres d'un Voyageur*, referindo-se a Alfieri.

«Alfieri est un homme qui me plait. Ce que j'aime c'est son orgueil, ce qui m'interesse ce sont ces luttes terribles entre sa fierté et sa faiblesse; ce que j'admire c'est son énergie, sa patience, les efforts inouïs qu'il a fait pour devenir poète.»

Era a piedade do mestre por essas luctas, a lastima de ver succumbir n'ellas alguns em quem reconhecia qualidades, e que talvez desanimariam, se a sua mão, como a de pae carinhoso os não amparasse, que lhe dictavam essas palavras animadoras tão injustamente avaliadas.

Teve adversarios? De certo, nem tão grande vulto poderia deixar de os ter, mas nunca como inimigos devem ser considerados quantos o combateram.

Muitos eram rapazes e terçar armas com o grande escriptor sen-



O Carnaval no Porto. — O grupo dos Pãesinhos

tiam ser-lhes gloria. Succubiram á tentação, embora annos depois, quando já amadurecidos pela idade e pelo estudo o venerassem como o insigne burilador da lingua portugueza, como aquelle que, mestre dos mestres, mereceu a Camillo esta sincera apreciação:

«(1) Em Portugal quem attingiu a suprema perfeição da lingua «portugueza foi Antonio Feliciano de Castilho» e mais abaixo falando d'elle e de Garrett, diz:

«Para os dois mestres eminentes, já mortos e redivivos na perpetuidade da gloria e nos monumentos de suas obras, é intempes-tiva a historia. O juizo demorado e particularizado que houvesse-mos de formar dos viscondes de Almeida Garrett e de Castilho «seria phraseado como as apologias de perennal glorificação.»

Não consegui decerto pagar a minha divida, com o pouco que ahí deixo escripto, do muito que sinto. Mas o poeta amava os simples, os sinceros, e as flores nascidas pelos campos, sem cultivo, mereciam-lhe afeição.

Rude e sem artificio é tambem a minha prosa, mas verdadeiras e tiradas do coração as minhas palavras, singelas como essas flores, que elle amava, e lhe enfeitavam o seu *Templo das Musas* junto ao sobreiral de S. Mamede. Só essas posso offerter á sua memoria como expressão sincera de uma alma agradecida a tantas horas de doce melancolia, roubadas á triste negrura de cruciantes desgostos.

C. D'EÇA DE MELLO.

(1) Curso de Litteratura, de Camillo Castello Branco.



O Carnaval no Porto

O abbade aspergindo o cadaver da «Farpas»

(Phot. de C. P. Cardoso — Foz do Douro).

AS CRENÇAS

Repelle alguém do Mestre brutalmente,
Os louros cherubins de rostos finos.
— Mas o sabbio Rabbi lhes diz, elemento:
«Deixae virem a mim, os pequeninos.

«Deixae-os vir a mim. Sou o ceifeiro,
Que nada perde, e os mundos vem ceifar.»
— Feliz de quem, como este é rasteiro!
Ai d'aquelle, cruel, que os molestar!

Gomes Leal.

O mais terrivel artificio que inventou a malicia, escreve D. Francisco Manuel de Mello, é offender com os louvores.

§§

Machiavel comparava a calumnia ao carvão. Quando não queima, dizia, ennegrece.

§§

Escrevem-se na areia os favores e gravam-se no metal as offensas.



O Carnaval no Porto

O rei Carnaval e a sua comitiva na estação de Campanhã

UM DUELLO

Quando a luz do alvor desmaia,
O mar, n'um rumor analogo
ao desdobrar de cambráia,
diz coisas... Eis um dialogo,
que hoje mesmo ouvi na praia.

— Eu sou mais rico — dizia
o mar á terra. — Duvido —
lhe diz a terra e sorria
com ar de quem desafia.
— Que tens então, presumido?...

— Eu tenho as algas marinhas.
— E eu orchideas melindrosas.
— Tenho as florestas grandiosas
dos meus coraes! — E eu campinas
de lilazes e de rozas.

— Tenho a saphira dos mares!...
— E eu a esmeralda dos campos.
— Tenho o encanto dos olhares
no saltelmo. — E eu nos milhares
de luzentes pyrilampos.

— Tenho a aragem, que, uma a uma,
me beija as vagas de leve.
— E em meus rosaes se perfuma.
— Tenho a espuma cõr de neve.
— E eu a neve cõr de espuma.

— Eu tenho a melancholia
sublime do pôr do sol.
— Eu a infinita poesia
dos dobres da Ave-Maria,
dos cantos do rouxinol.

— Eu amo a lua e afago-a
com mysteriosos ardores.
— Mais enlevam meus amores,
porque os teus braços são d'agua,
e eu abro-lhe os meus em flores.

— Os rios dão-me grinaldas
fluctuantes de nenuphâres.
— E eu das lagrimas dos ares
faço festões de esmeraldas
e saphiras nos pomares.

— Tenho as ondas desenvoltas
dos temporaes. — E eu as feras,
tigres, leões e pantheras.
— E eu tempestades revoltas.
— Eu arquejantes cratêras.

— E eu tenho os meus horizontes
rasgados, amplos, abertos.
— E eu a extensão dos desertos
e os topos brancos dos montes
na neve eterna cobertos.

— Eu tenho os gelos polares.
— E eu tenho as neves alpinas.
— E eu tenho as perolas finas
nos meus profundos algares
cavados em coralinas.

— Pois eu tenho, scintillantes,
como lascas de uma estrella,
as gemmas dos meus diamantes;
mas tenho coisa mais bella!
Uns bellos olhos amantes! —

Calou-se o mar tristemente.
Mas cada vaga suspensa
mirava a terra, fremente
d'aquella anciedade immensa,
que faz tremer! De repente

Diz o mar com arreganho:
— Eu tenho essas ondas; vence-as —
Na terra um silencio extranho!!!
N'esse momento Vossencias
entravam todas no banho.

FERNANDO CALDEIRA,



O Carnaval no Porto

O rei e a sua comitiva assistindo ao desfile da tropa fandanga

(Phot. de C. P. Cardoso — Fox do Douro.)

THEATROS

Trindade, *Sangue Viennense*, operetta em 3 actos, de Victor Leon e Leo Stein, musica de J. Strauss, traducção de Eduardo Garrido. — **Republica**, *Envelhecer*, peça em 4 actos de Marcellino Mesquita. — **Colyseu**. — **Rua dos Condes**.

— Mais uma graciosissima operetta allemã — *Sangue Viennense* — a emparceirar com tantas outras de igual procedencia que com agrado e excellentemente representadas ultimamente temos ouvido nos nossos theatros do genero. Em nada desmerece esta da fama conquistada pelas suas congéneres, antes nos parece melhor trabalhada em entredocho e partitura, que é de uma belleza de effeitos extraordinaria, chegando por vezes a arrebat.

E' peça que se impõe não só pelo seu valor, mas tambem pelo harmonico desempenho, que foi confiada a artistas como Palmyra Bastos, Medina de Sousa, Corrêa, Leitão, Sá, Salvador Braga, estando a regencia a cargo de Luiz Filgueiras. Com elementos d'esta ordem facilmente se adivinha o exito, tanto mais que o scenario e guarda-roupa são de um effeito deslumbrante.

No **Republica**, em festa artistica do estimado actor Eduardo Brazão, fez-se *reprise* do *Envelhecer*, peça do conhecido dramaturgo Marcellino Mesquita, que com grande exito se representara ha duas epochas no *Apollo*, quando da passagem por este theatro de Brazão e Ferreira da Silva. O conhecimento que o publico em geral tem da peça dispensa-nos de a descrever, limitando-nos a registar que Brazão representou com todo o vigor e brilho o difficil papel de Eduardo, Ferreira da Silva continuou a ser um *Doutor*, sobrio e cheio de naturalidade, sendo d'esta vez a parte de Luiza confiada a Emilia de Oliveira, que procurou acertar, vencendo as difficuldades da personagem. Todos os demais, embora em papeis apagados quasi, deram o preciso para sustentar a peça que é de difficilissima interpretação.

No **Colyseu**, está fazendo successo enorme a companhia de variedades de que é elemento principal o artista-transformista *Donini*.

No **Rua dos Condes** está fazendo successo uma companhia de zarzuela, a mesma que esteve no **Avenida**, agora reforçada com bastantes elementos de valor.

E nada mais, por hoje.

Ruy.

Nossa Senhora da Carregósa

(Vide a respectiva gravura a pag. 27, n.º 270 do "Brasil-Portugal")

E' alli que o sr. Bispo Conde fez erigir á Virgem de Lourdes o maior e mais bello sanctuário que até hoje se tem levantado em terras portugúesas.

Tem Portugal mais uma capellinha,
Nossa Senhora mais um ninho ainda;
Como essa pedra tanta luz continha!...
Como erguida pr'a o céo ficou tã linda!...

Sobre a mais bella e altaneira serra
Ergue-se a capellinha e de lá desce
Toda a benção que envolve a nossa terra,
E toda a luz para quem della carece.

Vãm andorinhas lá fazer seus ninhos,
Os altos sinos vãm nos encantar;
Tendes mais uma casa, pobresinhos,
E nós uma luz mais p'ra vêr do mar.

Póvo d'heroes que encheu tudo de glória
E uma lyra levou d'estrella em estrella,
Não ha só a Senhora da Victória;
Outra ha ainda; approximae-vos della.

Erguida alli por santas mãos piedosas,
A alegre capellinha, com amôr,
Que lindo que vai ser o mês das rosas
Para todas as aldeias em redor!

As raparigas vãm casar depressa,
As sementeiras duplicar de ganho,
Sob êsse olhar, que é todo uma promessa,
Sob êsse amôr, que é o unico que tenho.

Estrella aonde todo o sol se mette,
Peito onde quebra todo o desespero,
Quer seja como a viu a Bernardette,
Ou a sonhou a dúvida d'Anthero!

E vejo a linda capellinha erguida,
Em noites d'arraial, balões dispersos,
Arcos de murta, toda a nossa vida,
Raparigas, guitarras, os meus versos.

Hãm-de ir de Coimbra, onde se cantam, entre
Versos d'outros, que lá vivem tambem,
Da paizagem que os trouxe no seu ventre
E que é p'ra nós uma segunda mãe.

E' de lá toda a fé que essa capella
Ergueu nêsse alto esplendido da serra,
Com duas torres a puxar por ella
P'ra o ceo, levando junta a nossa terra.

Quem ha p'ra ahi que não chamasse ainda,
Numa hora de dôr a mãe do céo!
Quem esperou em vão pela sua vinda,
É que filho essa mãe não attendeu?

Ha dez annos que'eu sobre o mar enquanto
Pedia a Deus a morte, ella appar'ceu,
E as minhas máguas transformou em pranto
Levando-m'as em nuvens para o céo.

E como então eu era bem feliz,
— Aos vinte annos não ha nenhuma f'rida —
Sem um amôr longe do meu paiz,
Sem a dôr de pensar, de dar a vida.

Que tudo o que não é amôr ou arte
É a terra amada e triste onde nasci
E' a benção de Deus por toda a parte,
Tudo a que aspiro e qu'eu então perdi.

Mas a Virgem olhou para a creança
Que Portugal tinha d'ouvir chorar,
É abaixado o arco da Alliança,
Deu-lhe a mão e passou com ella o mar.

Como essa voz é candida e quieta!
Como êsse olhar é limpido e profundo!
Oh descendente do maior poeta
Que inda passou por êste triste mundo!

Deixou-me só quando o sol d'oiro erguia,
Sobre o paiz do sol e mais do mar,
Tudo que dentro do meu peito havia
P'ra dar, como êsse sol se sabe dar.

E ao vêr erguida essa capella agora
Porto a que um dia esta alma aportará
E' a minha gentil nossa Senhora
Quem eu lá vejo e quem adoro lá.

Dos Remédios? de Lourdes? é a minha!
— Do berço á morte ha um rápido declive —
A que anda disfarçada em pobresinha,
A madrinha do filho que não tive?

Voem meus versos para o seu telhado!
Para os seus sinos minhas rimas vãm!
E ouça-os a patria que m'os tem amado,
E mais aquelles que m'os perdoarãm.

O sentimento é como a nossa terra,
E' lugar para o mar ou p'ra o Ideal!
Eis a India no alto duma serra!
Mais uma estrella sobre Portugal!

Guedes Teixeira.

EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos leitores do atrazo com que sae o presente numero do Brasil-Portugal, facto por completo alheio á nossa vontade, pois é devido á grêve typographica que ha mais de um mez se declarou em Lisboa. Em virtude, porém, das providencias que já adoptámos, podemos garantir aos nossos amaveis leitores que os numeros seguintes irão sahindo com pequenos intervallos até esta Revista estar outra vez em dia.